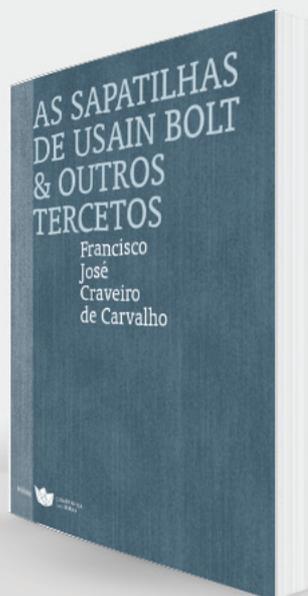


A Companhia das Ilhas apresenta

As sapatilhas de Usain Bolt & outros tercetos

Francisco José Craveiro de Carvalho



Apresentação

Estes tercetos foram escritos seguindo um princípio semelhante ao enunciado por Jack Kerouac: «Then I'll invent / The American Haiku type: /... / Simple 3-line poems» (em “Reading Notes”, 1965). Na primeira parte (“as sapatilhas de usain bolt”) há um esforço para relacionar poesia e matemática elementar, enquanto os tercetos da segunda parte, de forma mais explícita do que os primeiros, aludem às coisas que a todos vão acontecendo na vida.

Excerto

O interrogatório foi tão violento
que o cilindro saiu de lá
um cone.

Ficha técnica

Género: Poesia
Ano: 2015
Coleção: azulcobalto 029
Número de edição: 059
ISBN: 978-989-8592-70-5
Dimensões: 11x15 cm
Nº de páginas: 84
PVP: 10 €

Francisco José Craveiro de Carvalho

Francisco José Craveiro de Carvalho é licenciado em Matemática Aplicada pela Universidade de Coimbra e doutorado em Geometria pela Universidade de Southampton, Reino Unido. Foi Professor do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra de 1970 a 2011, sendo Professor Catedrático desde 1990. Encontra-se aposentado actualmente. Para além da sua escrita poética, traduziu poemas de Jane Hirshfield, Lisel Mueller, Raymond

Carver, Charles Bukowski, Jack Kerouac, Neil Curry, Ron Padgett, Aram Saroyan e outros. Interessado na ligação entre Poesia e Matemática, publicou *ains Ôniadefib Onacci*, uma antologia de poemas de Katharine O'Brien, por si traduzidos. Com a fotógrafa Lucia Vasconcelos, publicou *A estranha felicidade da princesa*, um livro de fotografia sobre Lisboa, para o qual escreveu pequenos textos.



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

Francisco José Craveiro de Carvalho, cuja poesia já tinha aparecido na revista *Relâmpago* (n.º3, Outubro de 1993), reúne agora em livro poemas ali já publicados, aos quais acrescenta outros inéditos. O livro intitula-se *As Sapatilhas de Usain Bolt & Outros Tercetos*. Será de não esquecer que estamos frente a um poeta cuja formação é matemática, como é referido numa nota biográfica que acompanha o livro. Daí o desenvolvimento, em muitos destes poemas, de um imaginário em que o universo da matemática ou da geometria se faz sentir, muitas vezes diferido ou voltado ao avesso por uma figuração irónica, como se pode ler num dos tercetos: “Bonito realmente era o friso/ dos cinco sólidos platónicos./ Pena o pó ou uma teia de aranha”.

Outras vezes há uma espécie de acertar no alvo de um enunciado mais ou menos filosófico como no terceto que se segue com uma vaga reminiscência do “penso, logo existo” cartesiano: “Latir não é suficiente/ para intervir./ Mas o cão pensa”. Ou, ainda, numa transfiguração de urna figura geométrica: “A circunferência tem prazer/ em ser a a cara da mulher/ que a criança acaba de fazer”.

À margem de um dos tercetos, pode ler-se uma referência a Alexandre O’Neill; apesar da poesia de *As Sapatilhas de Usain Bolt* ser muito diferente, há nela igualmente o comprazimento no jogo verbal, no modo como se recorre a desvios irónicos que acabam por fracturar as imagens ou o sentido das palavras. Poderíamos, então, dizer: “Por um só poema/ compro o livro./ É para isso que eu viajo”. E vemos, agora, que precisamente a poesia neste livro é pensada...

Fernando Guimarães, *recensão crítica a As Sapatilhas de Usain Bolt & Outros tercetos*, em *JL*, 16 de Setembro de 2015

UMA PEQUENA GEOMETRIA POÉTICA: *A PROPÓSITO DE AS SAPATILHAS DE USAIN BOLT E OUTROS TERCETOS*, DE FRANCISCO JOSÉ CRAVEIRO DE CARVALHO

Conheci o poeta Francisco José Craveiro de Carvalho nos Encontros Internacionais de Poetas, que coorganizei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (7 edições, entre 1992 e 2010), onde ele aparecia sempre. Mais tarde, voltei a vê-lo entre o grupo de poetas do Curso Livre *Oficina de Poesia* e, para meu espanto, consegui, de forma notável, aturar-me (e aos/às colegas) durante um ano inteiro, continuando sempre a acompanhar o projecto desde então. Os/as colegas estavam mais do que surpreendidos, quase horrorizados: “Ele é um matemático?!!” E, ainda por cima: “É Professor Catedrático?!!”

Lá tive de explicar que, ao contrário do que a maior parte das pessoas aprende, a matemática e a poesia — e o livro, ora em análise, comprova a minha explicação da altura — são dois discursos muito próximos. Afinal, ambos se criam a partir da preocupação com *as medidas do mundo*. Sendo o nosso poeta especialista de geometria, isto ainda faz mais sentido: tal como a poesia, também a geometria se ocupa da observação das formas

deste mesmo mundo e, sobretudo, da tentativa de as representar. Estamos apenas entre *dois modelos de observação e de representação* diferentes.

Ao longo dos anos, fui recebendo, ou por mão ou na minha gaveta na Faculdade de Letras, as pequenas pérolas que são os livros e as traduções do Francisco José Craveiro de Carvalho, já que é também um apaixonado pela literatura de língua inglesa e, mais, pela arte, em geral. Assim me chegou também este livro: *As Sapatilhas de Usain Bolt e Outros Tercetos*.

O título deixou-me logo um pouco perturbada, sabendo que teria de falar da obra. Sabia quem era Usain Bolt, mas pouco mais. Pensei logo no “Lightning Bolt”: no raio e na sua velocidade — e descobri, de facto, que esta é uma das alcunhas do desportista. A primeira expectativa criada a partir do título foi de que estaria perante uma obra sobre a luz, o espaço e o tempo.

Mas o pormenor das sapatilhas!... Pensei em campanhas de publicidade — que Bolt efectivamente sempre fez. Na verdade, a publicidade tem tudo a ver com as técnicas da poesia, sobretudo em poemas curtos, como estes. Talvez isso relacionasse este livro, pensei, com essa vivência quotidiana, que nos entra pela vida dentro sem que nos demos conta. E, sim, acho que acertei na suposição, pois será também essa ampliação publicitária da trivialidade do mundo como lugar do poético a estar bem presente nestes poemas.

Fui ainda à internet e descobri que, além disso, há uma marca e/ou empresa: *Shoes Usain Bolt!* Estamos, é quase certo, nestes poemas, a lidar com o mundo contemporâneo e, eventualmente, neles vou encontrar uma crítica, nem que seja subtil, ao poder dos mercados na nossa vida — é também essa reflexão sobre o poder que estes poemas fazem.

Mas descobri mais na internet: descobri que, numa das suas primeiras corridas, Bolt estava tão nervoso que acabou por correr com os pés nas sapatilhas trocadas — e ganhou! Será também desta (im)perfeição humana e da natureza do erro que, mesmo sendo erro, nos faz avançar e, às vezes, pasme-se, até ganhar, que este livro falará.

Finalmente, descobri que o atleta usou umas sapatilhas cor-de-laranja, em Berlim, em 2009, que tinham sido desenhadas por um artista plástico: Jeff Koon. E muito se falará de arte na escrita de Craveiro de Carvalho, explorando-se sempre a dimensão estética do corpo e/ou do objecto — do texto, em toda a sua amplitude semiótica — na sua relação com o texto/corpo/objecto que é a própria escrita.

Serão também essas mesmas sapatilhas de Jeff Koon, usadas por Usain Bolt, que acabaram a ser leiloadas para ajudar atletas paraolímpicos. Ou seja, esses objectos de arte e de desporto serviram a comunidade — e isso deve ser, no entender de alguns e de algumas de nós, o principal objectivo de toda a arte: assumir essa enorme responsabilidade, que é manter a capacidade de responder às necessidades do humano.

Todas as expectativas criadas pelo título se cumpriram nestes *tercetos*, intertextualmente, a ecoar a *terza rima* de uma outra epopeia para uma outra contemporaneidade. Sim, porque os vejo precisamente como um poema longo, fragmentado, descentrado,



em que a sensação de perda domina (de uma verdade? de uma ciência “exacta”?). Falo da *Divina Comédia*, mas poderia também falar dessa *epopeia do quotidiano* que o grande modernista norte-americano William Carlos Williams criou, fará agora um século, para representar os novos tempos de uma modernidade que parecia (parece) ter falhado o cumprimento das suas promessas de nos oferecer o melhor dos mundos (e os recentes acontecimentos, em Paris e não só, estão aí a prová-lo). Também Williams — também ele um homem da ciência, pois era médico —, a pensar em Dante, mas respondendo ao elitismo e, sobretudo, ao decadentismo pessimista de um outro modernista, T.S.Eliot, optou por uma poesia minimalista, centrada no trivial e no quotidiano, uma poesia centrada na fisicalidade dos objectos e do corpo (aqui tão bem representados, logo no título, como já vimos) para procurar sentidos maiores.

É esse tipo de poesia e esse tipo de observação que encontramos neste livro de curtos tercetos, que são também uma espécie de Aforismos. E, já agora, um Aforismo, no dicionário, é o mesmo que um Axioma, ou seja, algo definido como “um teorema evidente por si mesmo e/ou uma evidência cuja fundamentação empírica é dispensável”. Trata-se de aforismos que assumem a forma literária do Epigrama, a saber, partindo de um manual de estudos literários: “uma composição poética breve, que expressa um único pensamento principal de forma engenhosa”, “com fins laudatórios ou depreciativos”. E cito, de novo, o dicionário: “Epigramas são poesias curtas (alguns poucos versos ou estrofes) de conteúdo concentrado e incisivo, geralmente marcadas pelo humor satírico e mordaz, crítica social, maledicência pessoal, malícia picante ou duplo sentido. São ideias, pensamentos, máximas, mexericos, intrigas ou anedotas redigidos em formatação poética de *escala textual reduzida e alta densidade* de conteúdo”. Destaco o minimalismo e o humor, logo evidentes numa primeira leitura destes poemas de Craveiro de Carvalho.

Mas serão estas “formatação poética de *escala textual reduzida e alta densidade* de conteúdo”, que aproximam estes textos das primeiras formas conhecidas do que hoje chamamos “hipertexto”, tal como Darren Tofts, partindo de Deleuze e Guattari, o discute. Na sua teoria acerca daquilo a que chama “*uma escrita em potência*”, o epigrama, defende o teórico, tal como o hipertexto, é um exercício de possibilidade especulativa. Partindo de Tofts, também eu leio estes poemas de carácter epigramático como exemplificativos do que este crítico chama “*uma fertilidade discreta*”: poemas em que a descontinuidade se sobrepõe a qualquer fluxo contínuo de sequencialidade ou causalidade, e em que, através dessa mesma descontinuidade, *se decompõe qualquer estrutura de linguagem ou de pensamento*. Como se se entrasse numa singularidade (sim, também no sentido matemático) e se se procurasse a energia da primeira palavra em emergência num espaço de desconhecido. Tal como o estado quântico da infinitude dentro de uma particular subatómica de areia (sempre em potência), continua ainda Tofts a propósito do epigrama e/ou hipertexto.

Como diriam os budistas: uma paisagem inteira dentro de um grão — é exactamente isso que encontramos nos curtos poemas deste livro. Ou, como também o grande modernista irlandês, James Joyce, lhe chamaria, muito influenciado pela mecânica quântica e a física de partículas (à época a ciência de ponta),

em *Finnegan’s Wake*: “a microbemost”, um neologismo que tento traduzir como “um microsermáximo”, ou, no dizer de Deleuze e Guattari, “um livro num cabelo” — geometricamente, “um plano ‘flat’ de excesso indescritível” a dar voz a uma *subjectividade polifónica e hetero-genética* na relatividade absoluta do espaço/tempo”. Inventado na Grécia Clássica e, como o significado do termo indica, o Epigrama era uma inscrição que se punha sobre um objecto — numa estátua ou numa tumba, por exemplo. A linguagem fazia-se outra matéria, além de matéria de som, “objectificando-se” numa outra materialidade (de pedra) — como o tempo/espaço, poderíamos dizer, nas sapatilhas e no corpo de Usain Bolt: uma representação possível do que passa, do que existe apenas na passagem — essa “imensidão íntima”, no dizer de um outro modernista, o poeta francês Paul Valéry. A mesma imensidão íntima que o poeta e matemático Craveiro de Carvalho reconhece e a que procura dar forma na linguagem, ou, melhor dizendo, nas suas duas linguagens: a da poesia e a da geometria. Essa parece ser a sua investigação permanente, aquela a que dedica a sua vida: também, como Usain Bolt, a passar dentro da passagem infinita que está dentro da sua própria passagem.

E porque já falei do budismo — e, desculpem-me os matemáticos, mas parece que uma filosofia milenar já tinha chegado a muitas das ideias e/ou percepções do real a que a ciência moderna, agora por outros métodos, vai chegando — além do aforismo e do epigrama, bem dentro da nossa tradição ocidental, não posso ainda deixar de mencionar a grande tradição japonesa, a do poema Haiku, introduzido na poesia modernista europeia pelo norte-americano Ezra Pound no seu movimento Imagista. O Haiku é um poema de 3 versos, de elevada concisão, onde nada pode ser supérfluo, sempre com carácter visual, normalmente, apresentando uma imagem da natureza. É claro que é também essa influência que temos bem patente em *As Sapatilhas de Usain Bolt*, onde inclusivamente encontramos algumas variações sobre talvez o haiku mais traduzido e mais famoso, do poeta japonês Bashô, sobre o mergulho de uma rã num lago. Trata-se de variações metapoéticas, que são uma reflexão sobre Bashô e, simultaneamente, uma reflexão algo irónica sobre o próprio processo de escrita deste nosso autor português:

(Bashô)
Sendo eternal não surpreende
que a rã de Bashô mergulhe
na água de tantos *haikus*. (50)

(Bashô)
Um sapo sobressaltado:
salpicos repentinos
na periferia de um lago. (51)

Após esta, já longa, tentativa de inserir esta poesia numa tradição poética e, ousou dizer também, numa tradição matemática, resta-me apenas sublinhar mais algumas características deste texto. Desde logo, a forma como o coloquialismo se funde com reflexões que, à partida, julgaríamos necessitarem de uma linguagem com outra complexidade. Como se se fizesse a afirmação de uma



geometria das coisas básicas, sempre com um apuradíssimo sentido de humor — logo o primeiro poema, que nos traz as linhas, rectas e paralelas, entre as quais Usain Bolt corre — tal como o poeta, no seu processo de escrita nas linhas da página:

Duas rectas paralelas
nunca se encontram
para falarem um bocadinho. (7)

Ou as personificações, que nos devolve, humoristicamente, a uma espécie de geometria humana:

As diagonais quando se cruzam
aproveitam
para criticar os vértices. (28)

Muito cioso da imagem
o cubo exigia ser representado
com três pontos de fuga. (29)

Mesmo à humana geometria da violência e do exercício do poder sem regras:

O interrogatório foi tão violento
que o cilindro saiu de lá
um cone. (10)

(Que bem que este servia de legenda ao que está a acontecer em Angola com Luaty Beirão!)

E porque o universo parece mesmo ser matemático, que tal essa evidência tão trivial na geometria dos desenhos das crianças (várias vezes chamadas à presença nestes poemas):

Porquê num céu desenhado infantil
as pontas de cada estrela
formam um polígono regular? (19)

Que Deus-criança desenhou este universo? Certamente um que possui a mesma natureza e/ou a mesma geometria das crianças que o imitam e que, desse modo, participam na criação de uma ordem do mundo sempre e ainda a fazer-se.

Como defendiam Mayakovsky ou Whitman, este livro parece ser, assim também, um desafio para ver o mundo com olhos de manhã, abrindo a janela, ao sair da cama, vendo pela vez primeira. Só “desfamiliarizando-nos” da linguagem que nos dá um mundo velho e gasto — também na poesia e, por isso, só “despoeticizando” também — poderemos ir mais longe, ver mais dentro, ver mais limpo. Esse é o exercício de pesquisa epistemológica que esta poesia parece apresentar.

A complexidade da reflexão sobre as formas desenhadas no universo, sobre a unidade espaço-tempo, será já claro, constitui, em meu entender, o cerne destes poemas. Vejamos um exemplo diferente e num texto que poderemos facilmente definir como imagista, no sentido poundiano — uma reflexão sobre a construção

humana desse tempo/espaço e sobre as dimensões outras que, na natureza, na arte e na ciência, se pressentem, levando-nos ao desejo, levando-nos a quereremos sempre ultrapassar-nos:

Os minutos nem contam.
Os segundos ficam pela pista
ao soltarem-se das sapatilhas de Usain Bolt. (24)

Para os poetas, para os artistas e para os cientistas — para aqueles que querem ver o mundo com olhos de manhã —, esta velocidade das formas, em construção e em destruição, do mundo tem de ser desacelerada. Simplesmente, não conseguimos acompanhar o movimento do tempo/espaço infinito, em potência absoluta. Como se diz num outro destes poemas, temos de parar o jantar para ir ver o “lightning bolt”, o raio de luz, na cauda de um cometa (42). Ou, como se escreve noutro poema ainda, entre o trágico e o cómico, para termos uma noção desse espaço-tempo, temos de ver o movimento do corpo de Carlos Lopes *em câmara lenta e há 30 anos*, na TV (75). Perante a potência do universo, resta-nos o mínimo — é recomendável, por isso, usarmos menos palavras. Nessas palavras mínimas, acontece a maior procura, como podemos ler num texto, curiosamente, dedicado ao/adaptado do poeta, escritor para crianças, professor de literatura inglesa, tradutor e também árbitro, Fujitomi Yasuo:

(Fujitomi Yasuo)

Menos palavras. Maior procura
para o poeta deixar o caminho
para a passagem do cometa. (76)

Também Robert Duncan, poeta a quem dediquei 10 anos de investigação, falava da necessidade, mas também da presença, avassaladora e íntima, desta linguagem “pequenina”, “A Little Language” (título de um dos seus poemas). Tal como Duncan, também Craveiro de Carvalho nos coloca a linguagem da geometria no mesmo plano da linguagem das crianças no mesmo plano da linguagem dos animais no mesmo plano da linguagem da publicidade no mesmo plano da linguagem da poesia no mesmo plano da linguagem coloquial no mesmo plano da linguagem do universo, etc., etc.: sem hierarquias, numa espécie de “*grand collage*”, como lhe chamaria Duncan. Porque o universo está cheio de som — e o nosso poeta, tal como Duncan, coloca esses sons no mesmo plano (o do latir do seu cão incluído), como se um só pensamento/linguagem se movesse neste espaço/tempo (e o cão pensa, como muito bem se conclui nesse terceto da pág. 58). É desse movimento, dessa vertiginosa velocidade, que é também da linguagem — que nos é tão íntima e, simultaneamente, que nos é tão tragicamente desconhecida — que nos cabe participar: imitando a natureza e imitando o universo. É o que os verdadeiros cientistas e os verdadeiros poetas e artistas se sentem a fazer: participar, com temor, diria eu, nessa pequena grande linguagem. Gostei particularmente de alguns diminutivos, como na “chuva que cai/ aos milímetros *seguidinhos*”, no 1º poema de “Outros Tercetos”(41).

Escolho um outro terceto ilustrativo em que é um pintor a usar essa pequena grande linguagem, apenas porque me falta ainda



sublinhar a dimensão écfrásica de alguns destes textos. Partindo de pintores como Mondrian, Hockney ou Pomar, o poeta de *As Sapatilhas de Usain Bolt e Outros Tercetos* demonstra como toda a arte constitui essa infinita diversidade na linguagem pequenina que é matéria de imagem e som a fundir-se num só universo:

(Pomar, 22-4-14)

As mãos do velho pintor
são ainda ágeis animais
no céu sobre as folhas. (68)

Tal como o poeta, eu também compro os livros por isto: um só poema pode dar-nos esse encontro com a velocidade vertiginosa da potência universal que nos acolhe, em que participamos com a nossa frágil, insignificante e grandiosa humanidade. É por esse vislumbre, por esse pequeno momento de iluminação — que aqui encontro, neste livro — que também eu viajo:

Por um só poema nele
Compro o livro.
É para isso que eu viajo. (78)

[Graça Capinha, texto de apresentação do livro, Coimbra, Livraria Alfarrabista Miguel de Carvalho, 19 de Novembro de 2015]

